

O FENÔMENO DA AUTOMUTILAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE EM INTERFACE COM A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Tamara Tomitan Richter ¹, Fernanda Hoffmann Marques ¹, Daiany Lara Massias Lopes
Sgrinholi ¹, Tânia Maria Gomes da Silva ²

RESUMO

Este trabalho discute o fenômeno da automutilação na contemporaneidade em interface com a promoção da saúde. As práticas automutilatórias ainda não são identificadas com facilidade, uma vez que entre familiares ou amigos, os indivíduos encontram resistência em falar sobre o assunto, e muito menos buscam ações que possam evitá-las. Compreendeu-se que o ato da automutilação se apresenta como um alívio das dores psíquicas relacionadas às angústias, além de uma tentativa de comunicação sendo as autolesões uma forma de pedido de ajuda, convocando a atenção do outro. Esta convocação nos alerta ao fato de que a identificação deste fenômeno poderia ser feita mais previamente dentro do campo da saúde. Conclui-se assim, que a automutilação envolve questões ligadas ao mal-estar da atualidade, refletindo as dificuldades de ações mais assertivas de prevenção para a saúde mental.

Palavra Chave: Automutilação; contemporaneidade; promoção da saúde.

INTRODUÇÃO

O corpo é utilizado como forma de comunicação há muito tempo. Pode se tornar campo de tentativa de significação do que não houve elaboração, através de atos, conhecidos como automutilação.

A automutilação, conforme a definição dos Descritores em Ciência da Saúde (DecS), diz respeito ao ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente

¹ Mestradas do Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Promoção da saúde do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar) – PR.

² Prof.(a) Dr.(a). Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Promoção da saúde do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar) – PR.

um membro ou outra parte essencial do corpo (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, 2020). Outro olhar, adotado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), caracteriza a automutilação como um transtorno, estando incluída na classificação de algumas doenças como um sintoma (AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2014).

Contemporaneamente, vem se tornando um problema de saúde pública, devido à sua manifestação na sociedade, proveniente das interações sociais que constituem um ser humano. Esta forma de expressão serve como um escape de alívio das angústias, e autopreservação, uma vez que a ação não busca a total autoaniquilação, ou seja, o suicídio.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo, parte de um trabalho de conclusão de curso/pós-graduação. Utilizou-se nas bases de dados de busca acadêmica os descritores: automutilação, contemporaneidade, promoção da saúde, políticas públicas, e algumas legislações pertinentes.

DISCUSSÃO

Na Antiguidade consideravam-se as formas de adoecer manifestações sobrenaturais, as quais eram tratadas através de rituais religiosos com a participação dos conhecidos curandeiros. Porém, algumas medidas de profilaxia começavam a ser estipuladas, através de regras de organização social. Assim, uma visão integrada da saúde e do desenvolvimento do homem, começava a se estabelecer, e a se entrelaçar.

Estudos sobre o movimento duplo de alma e corpo, permanecem, e instigam as novas formas de sofrer. Hipócrates (460 A.C) acreditava que o homem poderia desorganizar-se, e por isso, seria necessário levar em consideração a dimensão histórica do sujeito, ou seja, dar importância ao passado presente e futuro, e tudo aquilo que caracteriza e constrói determinada pessoa e sua subjetividade.

A Medicina, ciência à procura de concepções de doença e da prática médica, se estabelece como detentora de grande interesse e fascínio por compreender o corpo humano e

suas reações, através do estudo da anatomia. Estes estudos passam então a contribuir de forma relevante durante o processo de descobertas relacionadas ao adoecer. Enquanto se estudava o corpo em sua forma físico-anatômica, esperava-se encontrar respostas para as questões relacionadas ao funcionamento do organismo como um todo. Como respostas não foram encontradas, a pesquisa anatômica, contribuiu para o desejo se avançar na busca de outras descobertas que vão além do conhecimento médico tradicional.

As manifestações psíquicas e comportamentais podem se desenvolver através das relações intersubjetivas entre os meios sociais e a maneira como um indivíduo reage a estas organizações. A primeira forma de experiência vivida por um ser humano tem relação com seu corpo e suas atividades sensoriais. Levando em consideração a história do indivíduo e sua constituição como sujeito – desde seu desenvolvimento intrauterino, passando para a infância, adolescência e fase adulta, este desenvolve formas de lidar com o exterior. Assim, desorganizações podem ser decorrentes da junção das manifestações comportamentais e psicopatológicas apresentadas pelo indivíduo, utilizadas para tentar regular a relação do meio com outros seres humanos.

A automutilação vem se mostrando um problema de saúde pública por sua crescente exposição e manifestação na sociedade. Apresentando-se como um comportamento intencional de agressão ao corpo, os cortes realizados referem-se à escarificações, ou seja, lesões superficiais na pele. É ela a autolesão mais frequente atualmente. É definida como uma deliberada ou direta alteração ou destruição do tecido corporal, sem intenção suicida consciente, que provoca danos leves, moderados ou graves, com ou sem a utilização de objetos perfurocortantes. Tal ação, diz respeito assim ao alívio ainda que temporário dos sentimentos, uma vez que o indivíduo não consegue nomear sua dor emocional, e transforma a dor psíquica em dor física – materializa a dor.

O desespero de um sujeito que não sabe dizer, mas que expressa, de acordo com sua organização psíquica e sua economia de impulso singular, uma chamada para ajuda em face de uma ameaça interna (CORCOS; RICHARD, 2006, p. 463).

A automutilação tem apresentado como público alvo os adolescentes, uma vez que, é nesta fase de transição que o indivíduo vivencia experiências de forma mais intensa em vários

aspectos de sua vida. Torna-se necessário neste momento, um trabalho preventivo, com o objetivo de reduzir danos.

Partindo do interesse em assegurar a promoção de saúde à população através da criação de condições favoráveis ao desenvolvimento humano e um olhar integral ao indivíduo (BRASIL, 2018), deve-se informar e conscientizar a população através de políticas públicas, preferencialmente na atenção básica/prevenção primária, através de acompanhamentos familiares, levando em consideração todo o entorno social e emocional.

Com o acompanhamento psicoterapêutico individual, ou através de grupos, como por exemplo, no formato de rodas de conversa, torna-se possível dar sentido para o outro, e escutar o que diz o sintoma, que na maioria dos casos, comunica um mal estar. A fala do paciente, também possibilita a linguagem, a representação e simbolização. Procura-se trabalhar com a angústia, o vazio e o tédio, marcados pelo rompimento muitas vezes de laços sociais e familiares. Reconhece-se a dor do outro e legitimasse a mesma, não desautorizando desta forma o sofrimento apresentado. É importante também adotar durante o trabalho com estes indivíduos, uma postura sensível, possibilitando a escuta ao infantil no adulto, a construção de um sentido e interpretações, um olhar flutuante que observa o que o corpo diz, e por fim uma rede de apoio.

A Lei N°13.819/2019, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (BRASIL, 2019), a Lei N°13.968/2019, incluiu no Código Penal o crime de induzir, instigar ou prestar auxílio à prática de automutilação (BRASIL, 2019b), e o Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes/Sistema de Informação de Agravos de Notificações (VIVA/SINAN) são estratégias de prevenção e promoção da saúde em casos de automutilação e suicídio, que possibilitam o levantamento de dados epidemiológicos a fim de criar ou aperfeiçoar as políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de que a automutilação trata-se de uma dor que não encontra expressão pela via das palavras, e sim pelo corpo através de um caráter compulsivo, revela este fenômeno como uma busca em se diminuir a dor psíquica através do ato de infligir-se uma dor física, com um recurso apaziguante sem necessariamente apresentar a intenção de se

matar. Ademais, compreendendo-o como um quadro clínico que envolve questões ligadas ao mal-estar da atualidade, e traumas não elaborados relativos ao processo de sua constituição psíquica, o olhar do outro e o pertencimento a uma comunidade e suas políticas públicas também são importantes, para a compreensão do fenômeno da automutilação.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5a edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **DeCS – Descritores em Ciências da Saúde**. 2015. Disponível em: <<http://decs.bvs.br>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Alteração do Decreto-Lei N°2.848**. Brasília, 2019b.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio**. Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS. Brasília, 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fbvsms.saude.gov.br%2Fbvs%2Fpublicacoes%2Fpolitica_nacional_promocao_saude.pdf&clen=771999&chunk=true>. Acesso em: 08 nov. 2022.

CORCOS, M.; RICHARD, B. L'émotion mutilée: Approche psychanalytique des Automutilations à l'adolescence. **Cairn.Info Marières à Relexion**. France, v.49, p. 459-476, 2006. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-la-psychiatrie-de-l-enfant-2006-2-page-459.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2022.